

Engarrafando Nuvens: A Cidade Como Caleidoscópio De Visibilidades

Bottling Clouds: The City As A Kaleidoscope Of Visibilities

Leonardo Pinto dos Santos

Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria
Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Professor da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul
E-mail: leonardoufsm@hotmail.com

Roselane Zordan Costella

Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: ro.paulo@terra.com.br

Endereço: Leonardo Pinto dos Santos

Endereço: Universidade Federal de Santa Maria
Av. Roraima, 1000, Cidade Universitária, Bairro
Camobi, Santa Maria – RS, CEP 97105-900, Santa
Maria/RS, Brasil.

Endereço: Roselane Zordan Costella

Endereço: Universidade Federal de Santa Maria –
Av. Roraima, 1000, Cidade Universitária, Bairro
Camobi, Santa Maria – RS, CEP 97105-900, Santa
Maria/RS, Brasil

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 14/10/2015. Última versão
recebida em 06/11/2015. Aprovado em 07/11/2015.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação.

RESUMO

O seguinte artigo procura inserir-se na discussão da dinâmica urbana atual, que propicia uma dimensão simbólica em certas partes da cidade, dando potencialidade a fenômenos de reivindicações, seja por moradia ou mesmo na busca por um sistema de governo menos autoritário. Pensamos que a urbe pode ser perversa, sim! Mas pode ser um lugar de descoberta e onde diversas racionalidades confluem juntas. Pode ser um espaço de esperança. Do suicídio por imolação de um vendedor de frutas na Tunísia até a simbólica Praça Tahrir, da ocupação planejada do Canal Saint-Martin ao simples fato da reunião de domésticas em seu pouco tempo de lazer sem uma reivindicação aparente, partimos para uma reflexão de que elementos e sujeitos de nossas cidades se tornam visíveis ou invisíveis de acordo com o ponto que passam a ocupar.

Palavras-chave: Espaços Públicos. Visibilidade. Cidade. Espaço de Esperança. Utopia.

ABSTRACT

The following article seeks to insert itself in the discussion of the current urban dynamics, which provides a symbolic dimension in certain parts of the city, giving the potential claims of phenomena, whether for housing or even the search for a less authoritarian government system. We think that the city can be perverse, yes! But it can be a place of discovery and where different rationalities converge together. It may be a space of hope. The suicide by immolation of a fruit vendor in Tunisia until the symbolic Tahrir Square, the planned occupation of the Saint-Martin watercourse to the simple fact of meeting domestic in their little leisure time without an apparent claim, we start to reflect that elements and subjects of our cities become visible or invisible according to the point that come to occupy.

Keywords: Public Space. Visibility. City. Spaces of Hope. Utopia

1 INTODUÇÃO

“Os seres humanos me assombram¹” (ZUSAK, 2010, p.478), não observamos melhor frase para iniciar este artigo. São estes humanos surpreendentes que constroem um espaço urbano surpreendente, mas surpreendente para quem?

Certamente não para a maioria dos transeuntes de hoje. Pare! Observe as pessoas a sua volta. O que nossos queridos cidadãos estão a fazer? Fone no ouvido, olhos na tela do celular e um caminhar acelerado como se o ar urbano lhe oprimisse.

Olhando para o chão ou para a brilhosa tela dos *smartphones*, as pessoas pararam de apreciar a urbe, preferem ficar hipnotizadas pelas “maravilhosas” tecnologias do que apreciar o belo Ipê-roxo (*Handroanthus Heptaphyllus*) e Jacarandá (*Jacaranda Mimosifolia*) floridos por uma cidade como Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Pare! Pense! Reflita! Sinta! Cheire! Olhe! Tateie! Ria! Chore! Sonhe!...Olhe a sua cidade, sinta sua cidade, perceba sua cidade!

Esse é o caminho que queremos perseguir nesse artigo, fazendo um convite a um novo olhar sobre a urbe. Por favor, reflita conosco caro leitor. Como Freire (2011, p.21) traz: “de uma coisa qualquer texto necessita: que o leitor ou a leitora a ele se entregue de forma crítica, crescentemente curiosa. É isto o que este texto espera de você, que acabou de ler estas “Primeiras palavras””.

Tendo o espaço como matéria-prima de reflexão da sociedade que temos e que queremos, iniciamos nosso pensar com uma pequena história que ocorrera com o escritor moçambicano Mia Couto (2013, p.205-206) que resume o pensar dentro deste artigo:

Tenho a enorme vantagem de viver num país recente, cujo retrato ainda não tem moldura. Um país onde as fronteiras estão ainda sendo desenhadas. É um pequeno mundo que está ainda chegando ao grande Mundo, esse mundo que não espera, nem se compadece de quem chega. Esse encontro é, como dizia Vinicius, feito de encontro, mas de muito desencontro. Um desses desencontros aconteceu numa noite em que, há uns anos atrás, eu chegava a casa, já escuro. Havia um menino que se aproximou de mim, a coberto da penumbra, as mãos ocultando algo por trás das costas. Vivemos num mundo tão distorcido que uma criança pode ser uma ameaça. Mas eis que ele exibiu o que trazia: um livro. Estendeu-me o livro e disse: vim devolver isto que é do senhor. E explicou que, à saída de uma escola secundária onde ele costuma vender amendoim, viu uma estudante com aquele livro por baixo do braço. O livro tinha a minha foto na contracapa e ele identificou-me nessa fotografia. E pensou: este livro pertence àquele senhor que eu bem conheço. Acercou-se da moça e perguntou:
- Este livro não é do Mia Couto?
Ingênua, ela acenou que sim. O menino da rua, de um sacão, lhe arrancou o livro e correu para minha casa para devolver aquilo que, a seus olhos, era da minha pertença. Eu fiquei sem saber o que dizer. Havia algo que se rasgava dentro de mim.

¹ Citação retirada do *best seller* “A menina que rouba livros”, obra que possui como plano de fundo a ascensão nazista na Alemanha, sendo a narradora da história ninguém menos que a própria morte.

Talvez o sentido de ser escritor num mundo como o nosso. Decidi, então, oferecer o livro àquela criança mesmo sabendo que ela nunca o iria ler. Reencontrei este ano esse mesmo menino. Ele veio ter comigo ao meu serviço e, uma vez mais, trazia consigo o meu velho livro. Só que, desta feita, havia alguma coisa diferente: junto com o meu livro figurava um caderno escolar com páginas escritas à mão. Eram versos da sua autoria. E o jovem disse com vaidade adulta: “Sim, eu aprendi a escrever, e esse caderno é um livro que eu fiz para lhe oferecer”. O que, naquele momento, eu recebia era mais do que um caderno. Era como se aquele menino tivesse escrito não sobre folhas de papel, mas sobre a própria fronteira da esperança. Sabemos, sim, criar e desfazer fronteiras feitas como se fossem pontes para a outra margem do tempo.

A cidade no estado atual de globalização se tornou um lócus de visibilidade e de invisibilidade, ambos os elementos (visíveis e invisíveis) são (re)produtores da urbe. É na cidade que sonhos emergem e são destruídos, é na cidade que convivem a diversidade, é na cidade que coabitam doutores e analfabetos, ricos e pobres, negros e brancos, idosos e jovens, homens, mulheres, transgêneros...punks, anarquistas, emos, roqueiros, patricinhas, hippies...é na cidade que as cores, os odores, os sonhos e emoções se misturam. A cidade se transforma como um calidoscópio da diversidade que constrói esse urbano em sua prática e em suas próprias imaginações.

É na cidade do menino analfabeto de rua da histórica de Mia Couto que a vida humana se organiza e se define. Na diversidade de sonhos e interesses se (des)constroem lugares, se definem caminhos, se organizam racionalidades dominantes e contrarracionalidades também.

A cidade pode ser comparada a um organismo vivo em constante mudança, ou melhor metáfora é pensá-la como uma hidra de muitas cabeças, um organismo vivo que pulsa, que se reconstrói constantemente. Uma cabeça da hidra é arrancada e logo surge outra, diferente, incomum, não familiar ao velho habitante, surgida a partir da reprodução do capital, essa nova cabeça configura uma organização espacial urbana que pratica a perversidade de transformar visíveis em invisíveis.

A cidade de hoje é capaz de transformar homens e mulheres em elementos invisíveis da paisagem, transforma uma criança em possível ameaça, transforma loucos e sonhadores em seres desiguais e nem sempre visíveis.

Loucura pensar e olhar uma criança como ameaça, não acha querido leitor(a)? Mas essa é a infeliz realidade de uma cidade produzida a partir da lógica do capital. Uma cidade como perversidade surge a partir desta lógica sem sentido. Melhor, lógica para o capital, ilógica para a humanidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A cidade é um objeto de estudo dos mais complexos. Objeto de muitas ciências é alvo de antropólogos, sociólogos, arquitetos, geógrafos, historiadores, das artes, da arqueologia e por que não da educação em todos os seus níveis.

É preciso pensar na cidade que vivemos e trabalhamos. Ela é uma construção social, permeada primeiramente (infelizmente) pela força do capital; ela se recheia de conflitos de ordem material e simbólica entre grupos, etnias e classes sociais. É nessa construção social complexa que se configuram as nossas cidades que emergem pontos visíveis e pontos de pouca ou nenhuma visibilidade. Querem exemplos caros leitores e leitoras?

Temos observado, nos últimos três ou quatro anos, uma série de mobilizações sociais nos mais diversos âmbitos, desde a Islândia, em 2009, passando por Túnis, em 2010, até o conjunto das revoluções árabes e o movimento dos Indignados da Espanha, que teve início em maio de 2011. E daí se estendeu a muito mais países, como Portugal, Israel e Grécia. Nos Estados Unidos, o Occupy Wall Street se estendeu por mais de mil cidades, não ficou restrito a Nova York. Chegou até mesmo a lugares de que as pessoas não suspeitam – houve, por exemplo, um forte movimento chamado Occupy Nigéria. Na América Latina, já há algum tempo, os estudantes chilenos mantêm um movimento com amplo apoio social; no México, há o movimento Yo Soy 132, nascido em torno de uma eleição mexicana; no Uruguai, temos as redes frenteamplistas (CASTELLS, 2014, p.166).

O que estes movimentos reivindicatórios por distintos anseios possuem em comum? Ocupam lugares de grande visibilidade, praças centrais e outros espaços públicos são tomados por manifestantes cansados pela falta de liberdade ou pela implantação de uma política de austeridade provinda de banqueiros e donos dos meios de produção. Ao ocuparem estes lugares de maior visibilidade, suas reivindicações se potencializam e se tornam existentes / visíveis.

As Praças Tahrir no Cairo, Egito, a da Paz Celestial em Pequim, China e a Sintagma em Atenas, Grécia desempenham papéis centrais na organização espacial de seus respectivos países, e, por isso mesmo, se centram como pontos para a eclosão de protestos insurgentes, atraindo a atenção da população local, bem como da mídia internacional.

O massacre da Praça da Paz Celestial e os desencadeamentos advindos da reunião dos egípcios na Praça Tahrir se disseminaram e ocasionaram rupturas dentro da sociedade mundial. O ocorrido em Atenas impulsionou um novo pensar sobre a organização da Zona do Euro na Europa. Grande parte destes desencadeamentos são oriundos do tipo de espaço ocupado, lugares centrais de enorme visibilidade dentro dos espaços urbanos.

A organização urbana incentiva à eclosão ou não de protestos. Peguemos Paris, França como exemplo. Suas ruas são mais facilmente barricáveis quando pensamos de forma

comparativa as ruas de Londres ou Los Angeles (HARVEY, 2014). O que dá à cidade de Paris uma aura revolucionária, estão aí para confirmar maio de 1968 e a longa história de movimentos revolucionários ocorridos na cidade.

Olhamos agora para Brasília, capital brasileira. Construída longe dos maiores aglomerados urbanos, foi projetada com ruas largas que facilitam o controle social e dificultam aglomerações insurgentes contra a pouca racionalidade vista em nossos governantes.

Como bem colocado por Harvey (2014, p.212) “também fica claro que certas características ambientais urbanas são mais propícias à eclosão de protestos insurgentes”. Características estas que se somam as potencialidades originárias da visibilidade que possui poder dentro do próprio imagético presente na urbe. Fica evidente que certos espaços possuem um poder simbólico maiores do que outros.

A imaginação humana é um campo complexo que envolve a concretude da vida individual e coletiva, ela compreende o vivido e o pensado, envolve o utópico e também o medo/receio, o sonho e o desgosto. Nosso imagético é composto a partir do individual e do coletivo; carregado de subjetividades ele compreende temporalidades e espacialidades diversas, envereda uma diversidade cativante que compõe o mosaico que é a dimensão imagética. É, a partir deste imagético, que é ao mesmo tempo individual e coletivo, que determinados pontos dentro da cidade se contornam com um poder simbólico extremamente forte, como é o caso das praças Tahrir, da Paz Celestial e a Sintagma.

Todas as manifestações que ali decorrem tomam outra proporção e ajudam a grupos invisíveis a se tornarem visíveis para o poder público e para a mídia nacional e internacional. Exemplos de como objetos, lugares e sujeitos se tornam potencialmente visíveis criando um impacto no tecido social podem ser observados em obras como de Gomes (2013), Harvey (2012; 2013; 2014), Maricato (2013), Castells (2014) e Possamai (2010).

A bela obra Espaços de Esperança de David Harvey (2013) busca dar luz a muitos movimentos que procuraram a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ele luta constantemente contra a racionalidade que tenta impor: “se parece impossível alterar essa confusão, é porque simplesmente de fato “não há alternativa”. Trata-se da racionalidade suprema do mercado versus a tola irracionalidade de tudo o que não seja o mercado” (HARVEY, 2013, p.205).

Harvey (2013) trabalha com o pensamento utópico, o qual nomeia de “utopismo dialético”, onde tenta findar com esse pensar de não há alternativa, indo contra a racionalidade suprema do capital por uma sociedade mais igualitária. Parece que com as

manifestações iniciadas em 2008 em uma escala mundial, começamos a construir um espaço de esperança, esperança que nos faz parar e refletir que os “ventos do norte não movem moinhos” (NEY MATOGROSSO, 2005).

Este espaço de esperança que vai se desenhando é, em grande parte, potencializada por este poder simbólico, esta visibilidade de determinados lugares em detrimento a outras.

Essa questão do visível e do invisível também se contorna para nós, sujeitos construtores do espaço geográfico que permanecemos vivendo em uma sociedade do espetáculo (DEBORD, 2015) e que, por isso, permanecemos visíveis ou não como sujeito individual ou mesmo no coletivo, enquanto inserido em determinado grupo social que muitas vezes é o grupo oprimido.

Sobre essa sociedade do espetáculo, Debord (2015, p.14) coloca que “considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente”. O mesmo Debord (2015, p.16-17) afirma que “o que aparece é bom, o que é bom aparece”.

Vamos para nossa observação sobre o espaço urbano; peguemos o caso dos moradores de rua. Gomes (2013) analisa sua situação em Paris, na França, onde, nas margens do Canal Saint-Martin no inverno de 2006, pequenas e numerosas barracas vermelhas, densamente distribuídas, serviu de acampamento para os moradores de rua ou sem domicílio fixo (SDF), como são conhecidos os sem moradia na França.

Ao tomar visibilidade na mídia, por ocupar um espaço urbano de extrema visibilidade, onde turistas vão gastar seus euros e penetrar no imaginário da cidade do amor, um espaço dentro do urbano, que por sua beleza cênica é alvo constante de filmagens cinematográficas, levou os próprios moradores de rua antes invisíveis a ganharem grande visibilidade na discussão midiática e na própria agenda do poder público.

Esse fenômeno, ainda de acordo com Gomes (2013), desencadeou em outros lugares da França o mesmo processo de ocupação de espaços, onde a visibilidade de oprimidos é alavancada. Na cidade de Nice, surgiram barracas na praia, em frente à avenida denominada *Promenade des Anglais*; já em Bordeaux, a praça central foi alvo de ocupação das barracas e assim se disseminou por diversos outros centros urbanos da França.

Mas este processo de visibilidade foi passageiro: “logo depois do desmonte das barracas, a presença desses moradores sem-teto voltou a ser dispersa, esparsa, eventual e cotidiana – pouco visível” (GOMES, 2013, p.50).

Olhamos o caso brasileiro. As recorrentes crises do sistema financeiro elevaram o número de pessoas sem um teto para residir, é só olharmos atentamente o nosso urbano, não

só as grandes cidades do país. Esse é um problema que atinge um número cada vez maior de cidades, seja ela grande, média e mesmo, em alguns casos, as pequenas.

Ao olharmos atentamente nosso urbano, o que você vê meu querido(a) leitor(a)? Preste atenção na atitude e reação das pessoas próximas ao movimento de moradores de rua. Parece que eles não existem ali, são invisíveis em um mundo permeado pelo espetáculo, onde o culto é total a visibilidade do sujeito, visibilidade essa que é advinda principalmente da ostentação oriunda dos bens materiais propiciados pelo capital.

“A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer” (DEBORD, 2015, p.18). A visibilidade dos sujeitos dentro do nosso espaço urbano é pautada no ter e não no ser. Precisamos pensar em uma fórmula que não faça com que a roda do capitalismo continue rodando mesmo que permeada por seguidas crises; o que precisamos é quebrar essa roda e pensar em um modo de vida menos desigual para todos.

Devemos pautar o “desenvolvimento da ordem do ser, mais que de um crescimento da ordem do ter” (VIVERET, 2013, p.55).

Os sem tetos se disseminam pela urbe necessariamente pelo modelo da roda capitalista, que utiliza o espaço urbano para (re)produzir o capital. Quem não se encaixa no sistema da produção e reprodução acaba ficando marginalizado e é levado a ocupar as ruas dia e noite, vagando em busca da esperança que parece inexistir.

Querido(a) leitor(a), pare um momento enquanto estiver nessas mesmas ruas que, queiramos ou não, são espaços da diversidade, passam também dos estudantes aos médicos, dos sem-teto aos engenheiros, dos professores aos garçons, dos idosos ao recém-nascido, do negro ao rastafári, da mulher grávida ao homossexual. Um minuto é suficiente para observar essa miríade de histórias, o urbano é recheado por essa diversidade, mesmo que se tente homogeneizar um urbano que é mais diverso do que se pode imaginar e perceber.

No momento que paramos e observamos a diversidade, vemos também os oprimidos. Voltam o nosso olhar aos sem-tetos, a deriva deles pela cidade, vemos que geralmente estão acompanhados por cães; segundo, muitas vezes eles estão por falares sozinhos.

Essa é uma das maiores provas de que precisamos conviver em comunidade, pois, quando somos excluídos do convívio dos mais próximos acabamos por desenvolver ferramentas para que possamos partilhar os sentimentos tão necessários à humanidade. A conversa e o carinho que parecem ser coisas cotidianas são essenciais para que possamos manter nossa sanidade em um urbano cada vez mais caótico e desumanizado.

Como o grande escritor uruguaio Eduardo Galeano (2014, p.81) escreveu: “o sistema, que não dá de comer, tampouco dá de amar: condena muito à fome de pão e muitos mais à fome de abraços”.

Um exemplo existente na mídia é o programa intitulado “nu e abandonado”, que é exibido pelo canal *Discovery Channel*, onde o perito em sobrevivência Ed Stafford é desafiado a passar sessenta dias sozinho em Olorua, uma ilha tropical na Oceania, sem qualquer tipo de ferramenta, roupa ou alimento. O grande desafio apontado pelo próprio personagem do programa foi enfrentar a solidão, não ter ninguém com quem compartilhar momentos de convivência. Sendo que, ao ser resgatado por um helicóptero após os sessenta dias do desafio, ele não para de conversar com o pessoal presente na aeronave, tanto é a necessidade humana de permanecer no social.

Somos homens e mulheres, somos sonhos e emoções, somos engarrafadores de sonhos que veem nas cidades o lugar para desenvolver nossos amores e nossos sonhos, e, quando tudo isso nos é negado, nos retiramos as nossas próprias loucuras e nos aproximamos de outros seres vivos, como cachorros que carregam consigo um amor incondicional para aqueles que lhe prestem um pouco de carinho e comida.

Ou mesmo criar relações como um objeto inanimado como o icônico Wilson (uma bola de vôlei) do filme *Náufrago* com Tom Hanks, onde um empregado da FedEx sofre um acidente aéreo e acaba tendo que sobreviver sozinho em uma ilha desabitada no Oceano Pacífico. A fim de não enlouquecer, ele constrói uma relação de amizade com a então bola de vôlei para a qual ele cria um rosto e nomeia de Wilson.

O mais interessante de se observar que a relação homem-cão é a relação que deveria persistir na cidade entre nós seres humanos, acompanhe nosso raciocínio querido(a) leitor(a). Em um dia de inverno na capital dos gaúchos, chegando a hora onde o breu supera a força dos raios solares, pare um minuto. Parou? Olhe agora quando perceber um dos tantos sem teto na Avenida João Pessoa.

Eles estão deitados em marquises, com o que possuem disponíveis, às vezes somente uma coberta fina. O que esse sem teto faz? Ele divide essa sua única coberta fina com os cachorros, muitas vezes mais de um aquele mesmo cão que divide a lida diária na perversa urbe agora compartilha do pouco calor proveniente da fina coberta para um inverno que muitas das vezes não perdoa os menos abastados.

A solidariedade entre homem-cão, infelizmente não é a relação que nós “doutores”, os homens letrados e trabalhadores cultivamos com nosso próximo dentro da cidade. É mais uma relação de medo e receio que travamos no tecido social do que uma relação de amor com o

próximo. O então modelo civilizatório ocidental, capitalístico, é de uma perversidade que chega a ser ininteligível.

Onde é possível, que uma sociedade, dita humana, pode perceber uma criança como possível ameaça...infelizmente isso é uma constante em nossas cidades. Parece que quando mais adquirimos com o capital, mas sozinhos ficamos para com o mundo, quanto maior nossos ganhos monetários, mais muros construímos para com o próximo.

Como Silva (2012) coloca, persistimos em uma “sociedade midíocre”, onde temos o triunfo absoluto da mercadoria. Para o autor tudo, de certo modo, mudou, salvo o modo de produção e a produção dos modos de controle; aqui o ter supera o ser mais uma vez.

Segregação e medo, essas são palavras chaves que representam bem a cidade atual. Amor!? União!? Meras utopias que são encontradas em pequenos redutos dentro de algumas cidades.

Como bem dito por Galeano (2009, p.87):

Meio século depois, os seres urbanos estamos todos mais ou menos loucos, embora quase todos vivamos, por razões de espaço, fora do manicômio. Desalojados pelos automóveis, encurralado pela violência, condenados ao isolamento, estamos cada vez mais amontoados e cada vez mais sozinhos e temos cada vez menos espaços de encontro e menos tempo para nos encontramos.

O conto “A Rosa Caramela” de autoria do Mia Couto (2013) mostra a mesma dinâmica que percebemos quando refletimos em torno da vivência relacional dos sem-teto.

A cara dela era linda, apesar. Excluída do corpo, era até de acender desejos. Mas se às arrecuas, lhe espreitassem inteira, logo se anulava tal lindeza. Nós lhe víamos vagueando nos passeios, com seus passinhos curtos, quase juntos. Nos jardins, ela se entretinha: falava com as estátuas. Das doenças que sofria essa era a pior. Tudo o resto que ela fazia eram coisas de silêncio escondido, ninguém via nem ouvia (COUTO, 2013, p.21-22).

A personagem, uma corcunda, receberá das outras pessoas que a viam o nome de Rosa Caramela, ninguém convivia com ela, nem mesmo para saber o nome de batismo desta mulher. Ela por ser corcunda, era “diferente”, por ser diferente, era segregada.

Como o sujeito que não ajuda na reprodução do capital é excomungado das relações diárias da cidade capitalista, os “diferentes” também o são por distintas razões. O sujeito que se encontra fora do eixo delimitado pela globalização, ou seja, não se veste e come, não escuta a música ou o filme, não possui como ídolos aqueles que globalmente são definidos, acaba por ser “diferente”, e, ao ser “diferente” é visto com certo grau de receio pelos demais.

No caso do conto, Rosa Caramela não tem nome, não tem amigos nem parentes, somente possui as estátuas existentes no jardim, com quem conversa, “das doenças que sofria

essa era a pior”. Não lhe era concedida a existência, como não é dada aos oprimidos deste Brasil. Vivemos um *Apartheid* à moda brasileira!

Como a personagem do conto, os sem teto permanecem com a existência negada, passando diariamente pelas vias urbanas eles permanecem sem um nome, sem uma atenção dos pares que com ele compõe o que seria a humanidade.

Somos humanidade, somos brasileiros, moramos num país tropical onde a diversidade cultural, religiosa e política é uma voga. Somos brasileiros, com toda a diversidade que isso significa. Somos negros, brancos, indígenas. Aqui se come feijoada, mas também pato ao tucupi, sushi, churrasco, feijão verde, tambaqui... Pulamos carnaval, cavalgamos no vinte de setembro, dançamos samba, e ainda rock, chote, forró, funk...Somos católicos, dizem as estatísticas. No entanto não despregamos o olho das divindades que vagam em outros domínios (DAMATTA, 2004). Com toda essa diversidade, como convivemos em um espaço onde a diversidade não é olhada com bons olhos?

Como deixamos que a força do capital sobrepujasse razões humanísticas? Como deixamos que nossos irmãos de espécie sejam deixados à margem de um sistema a muito sabido desgastado e perverso? Como deixamos que seres humanos possam ser invisíveis dentro do espaço urbano é algo que somente um sistema onde o ter se sobrepõe ao ser pode produzir.

Santos (1996, p.12) traz que:

Não há lugar para a Geografia num país que decidiu que o homem é residual. Mas o homem não é residual, nós nos enganamos, às vezes, porque frequentamos a classe média e nos esquecemos que, entre os pobres, há uma produção social e cultural de enorme riqueza. Nós não os tratamos suficientemente nos bancos da universidade, porque os pobres são tratados como as pessoas perigosas da nossa sociedade. E o tratamento da pobreza é quase como o tratamento do perigo na produção do medo. Quando na realidade os pobres nas cidades brasileiras, sobretudo, estão produzindo uma nova cultura que não conhecemos. Esta cultura é fundamental, pois está intimamente relacionada com o território urbano. E não é apenas a produção de uma cultura, é também a produção de uma economia, e é uma produção, ainda que fragmentária, de um eixo político que a cidade oferece.

Gomes (2013) em seu livro, comenta outro grupo social que, ao ocupar em determinado espaço-tempo um espaço público, acaba por se tornar visível por um momento. É o caso das empregadas domésticas das Filipinas que trabalham em Hong Kong.

Elas, em seus poucos momentos de lazer acabam por ocupar os espaços públicos de Hong Kong. A partir do momento que elas se reúnem nestes espaços públicos como praças, é que elas passam a ser percebidas, uma vez que, antes, elas acabavam ficando confinadas no interior das casas, meras mulheres sem nenhuma visibilidade.

Em grupo, ocupando uma grande área, destoa da ocupação em torno. Elas riem, falam alto umas com as outras, parece que todas se conhecem; tiram pequenas

porções de comidas de grandes sacolas plásticas, comem, bebem e oferecem e trocam alimentos e bebidas; algumas estão deitadas sonolentas, outras ouvem música (GOMES, 2013, p.184).

Gomes (2013) ainda afirma que essas mulheres não parecem reivindicar reconhecimento, visibilidade. Muito diferente de movimentos que ocorreram em espaços como da praça egípcia Tahrir ou da praça ateniense Sintagma.

No caso das empregadas domésticas, o fato de elas se reunirem em seus momentos de folga, acaba lhes concedendo uma maior visibilidade, mesmo que de forma não consciente das mesmas. Por produzirem um idioma e comidas diferenciadas, em um ambiente harmônico de risadas e de partilha, elas acabam atraindo a atenção dos que por ali passam.

O encontro parece ter origem na necessidade de quebrar o isolamento e de reforçar os laços de contato de uma comunidade expatriada que se reúne simplesmente pelo prazer do encontro, sem nenhuma outra demanda em pauta. A primeira constatação é, portanto, a de que espaços públicos nos colocam sempre em exposição e transformam qualquer atividade em expressão, mesmo quando não há um objetivo precípuo nesse sentido (GOMES, 2013, p.184).

É engraçado que, quando expatriados, passamos a revalorizar o que é da cultura local. Pegamos o caso dos gaúchos que foram um dos responsáveis pela expansão da fronteira agrícola brasileira, principalmente para a região Centro-Oeste. Ao passo que vamos para outro lugar, nos pautamos nas tradições do nosso estado para que continuemos a ser reconhecidos, é o caso da proliferação de CTGs (Centros de Tradições Gaúchas) e até mesmo o consumo da bebida quente conhecida como chimarrão, mesmo por aqueles que aqui no Sul não mantinham o hábito do consumo da erva-mate.

Para nos mantermos visíveis como gaúchos nos remeteram a tradição gaúcha, e, aos nos reunirmos nos tornamos visíveis aos outros habitantes do lugar. É o mesmo caso das empregadas domésticas das Filipinas, que sozinhas não atraem olhares, mas ao rirem e conviverem no coletivo acabam por se tornar visíveis à população local de Hong Kong, o que é potencializado por ocuparem espaços públicos como as praças.

Bem como a própria humanidade que surgira, primeiramente, no continente africano, para depois se ter uma distribuição quase viral por todos os cantos do globo, os protestos que mobilizaram e ainda mobilizam o mundo, se iniciou com um suicídio por imolação em território africano, como traz Carneiro (2012, p.07-08):

O suicídio por imolação de Mohamed Bouazizi, um vendedor de frutas que protestava contra a apreensão de suas mercadorias, na Tunísia, em 17 de dezembro de 2010, foi apenas um dos muitos atos semelhantes ocorridos no norte da África que, além do desespero individual, simbolizaram o esgotamento psicológico de muitos povos em um mesmo momento.

É claro que o tipo de movimento revolucionário surgido na margem sul do Mediterrâneo é um tipo diferenciado do movimento dos sem-teto e das domésticas, mas ambos possuem algo em comum: o desejo utópico por uma sociedade menos desigual, onde direito e deveres sejam respeitados, onde todos possam ser visíveis frente à força do capital.

A “street” [rua] de Wall Street está sendo ocupada – ó, horror dos horrores – por outros! Espalhando-se de cidade em cidade, as táticas do Occupy Wall Street são tomar um espaço público central, um parque ou uma praça, próxima à localização de muitos dos bastiões do poder e, colocando corpos humanos ali, convertê-lo em um espaço político de iguais, um lugar de discussão aberta e debate sobre o que esse poder está fazendo e as melhores formas de se opor ao seu alcance. Essa tática, mais conspicuamente reanimada nas lutas nobres e em curso da praça Tahrir, no Cairo, alastrou-se por todo o mundo (praça do Sol, em Madri, praça Syntagma, em Atenas, e agora as escadarias de Saint Paul, em Londres, além da própria Wall Street). Ela mostra como o poder coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado (HARVEY, 2014, p.60-61).

As cidades de hoje parecem nos conectar ao que o sociólogo espanhol Manuel Castells (2005) chamou de “sociedade em rede”. De repente, o que se iniciou no norte da África ocorre no Brasil, o que se iniciou na “street” de Wall Street alçou voos até a Nigéria, o suicídio por imolação de um vendedor de frutas derrubou uma leva de penosos ditadores, o choro de uma pequena menina paquistanesa lutando pelo direito de as mulheres estudarem ateou a atenção global para uma tarefa que deveria ser tão comum como respirar.

O poder da informação transforma a nossa cidade, colocando ela, pelo menos partes dela, como a Praça Tahrir em destaque. É na sociedade em rede que visibilidades se expandem, é nessa mesma sociedade que crianças são tidas como possíveis perigos e seres humanos possuem menos valor do que o que vestem e consomem, numa sociedade onde pessoas roubam merendas escolares e desviam dinheiro do transporte escolar é que fenômenos como da Praça Tahrir nos trazem uma brisa de esperança.

As nossas cidades são uma aventura, um sonho e uma utopia. Lugar de marasmo e desencanto é ao mesmo tempo encantadora e elegante, deselegante e viva as culturas populares e da elite. É lugar de volumosa vigília de dar inveja ao clássico livro 1984 de George Orwell (2009), onde o Grande Irmão não perde as perambulações de seu povo e, ao mesmo tempo é lugar para ser livre, lugar para grafitar arte e expor emoções em formato de cores e ações.

A informação do período técnico-científico-informacional de Santos (2012c) é, ao mesmo tempo, perversa e uma via de expressão e liberdade. O que dirá se ela será produtora de uma sociedade conectada e interligada de múltiplos modos ou se caminharemos pela trilha

da violência e terror da ultravigilância já prevista no clássico de Orwell (2009) é nossa ação enquanto sociedade humanizada ou nem tanto.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filósofo ganês Appiah (2014) já aborda uma necessidade urgente de uma verdadeira revolução moral. A mesma sociedade acumuladora, onde pessoas desviam verbas de merendas escolares de instituições de periferia é a mesma que produz pessoas que abrem mão das próprias vidas pelo bem maior do coletivo. Lutando contra todas as probabilidades o povo se une em torno de espaços públicos, como a Praça Tahrir clamando pelo direito coletivo de se ter voz, cair um, emergir milhares!

A cidade continua uma luta interminável, é o espaço de uma única racionalidade e de contrarrazões que sempre aparecem para opor ao mais incansável especulador, é o lugar onde convivem muitos consumidores e poucos cidadãos, como bem traz Santos (2012b, p.25) “em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário” e “onde não há o cidadão, há o consumidor mais-que-perfeito” (SANTOS, (2012b, p.56).

Mas, além de ser um lugar potencializador, onde um cidadão faz como consumidor alienado, a cidade é um espaço de esperança (HARVEY, 2013) onde estudantes chilenos bradam gritos para quebrar grilhões de uma educação nefasta, onde egípcios demonstram como um movimento populacional pode superar a inconsistente rede mundial de computadores para buscar uma democracia. A Primavera Árabe, maio de 1968, os indignados da Espanha, a luta contra a privatização da água na América Latina, a ocupação em Istambul de milhares de jovens no Parque Gezi contra a criação de um projeto especulativo comercial para a indústria turística até as marchas no Brasil das vadias e para a descriminalização da maconha mostra a força que emerge das urbes mundiais, espaços de utopia, espaços de sonho, espaços de esperança.

As cidades possuem muito de imagético, e esse imaginário produz forças hercúneas. Certos espaços produzem visibilidades, outros desaparecem ao poder público e as “pessoas de bem” que donas do capital decidem por onde os equipamentos urbanos surgirão.

Como bem colocado por Durand (2012, p.398) “a imaginação voa imediatamente no espaço”, espaço este que centra a cidade com uma força da imaginação que nós, como cidadãos e não como consumidores, precisamos transformar em forças imagéticas utópicas.

Vemos a cidade o caos e as belezas humanas. A cidade vai se moldando através de uma pluralidade de olhares de sujeitos sociais muito diversas. Ela é o resultado das relações

tecidas por várias gerações, “acumulação desigual de tempos” (SANTOS, 2012a, p.256; SANTOS, 2012 d, p.09). Há momentos em que nossas cidades parecem se aproximar daqueles que as habitam, em outros, parecem se distanciar, por exemplo, quando do seu tráfego intenso, sua poluição, sua violência, sua pobreza que desencadeiam nos atores sociais insegurança, solidão e mesmo anonimato (invisibilidade).

Santos (2012a, p.264) traz bem que “o espaço é a casa do homem e também a sua prisão”, a cidade é isto caro(a) leitor(a), ela pode ser sua/nossa casa, mas pode ser também sua/nossa prisão, isso irá decorrer da forma como nos relacionamos com ela e de que forma paramos, respiramos e enfrentamos a cidade.

Como falamos no início dessa caminhada: Pare! Pense! Reflita! Sinta! Cheire! Olhe! Tateie! Ria! Chore! Sonhe!...Olhe a sua cidade, sinta sua cidade, perceba sua cidade! Somente na hora que percebemos a cidade como ela se configura, suas qualidades e sua própria esquizofrenia estrutural é que podemos criar uma racionalidade humana e não uma racionalidade capitalista.

“Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação” (SANTOS, 2012b, p.81).

Não sabemos o caminho, mas sabemos que uma interação menos desigual é um dos passos a serem dados. Uma sociedade onde as taxas de depressão se elevam a níveis alarmantes, crimes passionais se tornam cotidianos nos noticiários, onde o número de Cracolândias cresce vertiginosamente, não temos um mundo que queremos.

Não é engraçado querido(a) leitor(a), que quando mais o *marketing* quer demonstrar que a alegria se encontra no consumo exacerbado, mais pessoas se entregam aos antidepressivos, paradoxal, não!.

A associação entre a nomenclatura de Cracolândia com Disneylândia é também um tanto paradoxal. Felicidades falsas para um mundo em decadência. Pare o ônibus que quero descer!

Para finalizar, ficamos aqui desejosos que possamos ver e perceber a nossa cidade como a própria fronteira da esperança lá da história do Mia Couto nas primeiras páginas deste artigo, um urbano da diversidade onde desejos, sonhos e amores possam conviver de forma harmônica.

Que nossas cidades não se transformem em edificações muradas como se desenha hoje, verticalizando relações ao invés de horizontalizá-las. Em uma sociedade que se pensa ser em rede, se elevam cada vez mais muros, como a bela notícia presente no jornal El País

traz: “uma sociedade de muros sempre vai precisar forjar monstros do lado de fora para seguir justificando seus privilégios e mantendo-os intactos” (BRUM, 2015).

Sejamos diferentes! Respeitemos os diferentes! Viva as cidades rebeldes! Abaixo a sociedade do espetáculo!

REFERÊNCIAS

APPIAH, K. A. As revoluções morais. In: SCHÜLER, Fernando Luís; WOLF, Eduardo (Org.). **Pensar o contemporâneo**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014. p.12-39.

BRUM, E. “Mãe, onde dormem as pessoas marrons?” **El País**, Madrid, 22 jun. 2015.

Disponível em:

<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/22/opinion/1434983312_399365.html>. Acesso em: 22 jun. 2015.

CARNEIRO, H. S. Apresentação: rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David et al. **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. Tradução João Alexandre Peschanki. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p.07-14.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 8. ed. Tradução Roneide Venâncio Majer e Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CASTELLS, M. A sociedade em rede e os movimentos sociais. In: SCHÜLER, Fernando Luís; WOLF, Eduardo (Org.). **Pensar o contemporâneo**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014. p.164-190.

COUTO, M. Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras. In: MACHADO, Cassiano Elek (Org.). **Pensar a cultura**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013. p.195-206.

COUTO, M. A Rosa Caramela. In: COUTO, M. **A menina sem palavra**. São Paulo: Boa Companhia, 2013. p.17-30.

DAMATTA, R. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 14 reimp. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Tradução Hélder Godinho. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HARVEY, D. *et al.* **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. Tradução João Alexandre Peschanki. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012.

HARVEY, D. Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: HARVEY, D *et al.* **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. Tradução João Alexandre Peschanki. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p.57-64.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2014.

GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MARICATO, E. (Org.) **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

NEY MATOGROSSO. Sangue Latino. In: Ney Matogrosso. **Novo Millennium**. Rio de Janeiro: Universal Music Brasil, 2005. 1 CD. Faixa 2.

ORWELL, G. **1984**. Tradução Alexandre Hubner e Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTOS, M. **Geografia**: além do professor? Minas Gerais, 1º Encontro Regional de Estudantes de Geografia do Sudeste, Universidade Federal de Juiz de Fora, 1996. (Comunicação oral).

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova**: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012a.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012b.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 7. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012c.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. 3. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, J. M. S. **A sociedade midiócre**. Passagem ao hiperespetacular: o fim do direito autoral, do livro e da escrita. Porto Alegre: Sulina, 2012.

VIVERET, P. O que faremos com a nossa vida? In: MORIN, E.; VIVERET, P. **Como viver em tempo de crise?** Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand, 2013. p.29-76.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

SANTOS, L. P; COSTELLA R. Z. Engarrafando Nuvens: A Cidade Como Caleidoscópio De Visibilidades. **Rev. FSA**, Teresina, v. 13, n. 1, art. 7, p. 115-132, jan./fev. 2016.

Contribuição dos Autores	L. P. Santos	R. Z. Costella
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.		X